

DE DIADORIM À DEODORINA DA FÉ:
METÁFORAS DA RELIGIÃO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

DIADORIM THE DEODORINA OF FAITH:
METAPHORS OF RELIGION IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Cristiano Santos Araujo*

RESUMO

Pretendemos neste artigo, em primeiro lugar, entender o pensamento religioso do autor e do narrador de Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa e Riobaldo, propondo uma nova abordagem do nome Diadorim/ Deodorina, reabrindo novas discussões sobre o foco de estudos metafísicos e religiosos na obra Rosiana. Em segundo lugar, desejamos identificar no nome Diadorim/ Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins como personagem único e figural da co-existência do demo e de Deus na vida de Riobaldo. E por último, perceber que os múltiplos “Dês”: Deus, Demo e Diadorim, Deodorina da Fé são o percurso do ser-tão humano, homem humano ambíguo, divino e diabólico em *Grande Sertão: Veredas*. Dentro da produção literária de João Guimarães Rosa, especificamente em *Grande Sertão: Veredas*¹, investigaremos a figura do ambíguo personagem Diadorim como um postulado metafísico-religioso, uma metáfora do santo (divino) e do profano (diabólico) para Riobaldo em suas memórias de morte e(m) vida. Baseamo-nos no conceito de Metáfora proposto pelo filósofo francês Paul Ricoeur². Além de autores da extensa fortuna crítica sobre Guimarães Rosa, tais como: Augusto de Campos, Eduardo F. Coutinho, Francis Utéza, Kathrin Holzertmayr Rosenfield, Heloisa Vilhena de Araújo, Paulo Rónai, Walnice Nogueira Galvão.

Palavras-chave: Diadorim – Deodorina da Fé – Metáfora – Paul Ricoeur

* Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
E-mail: umcristiano@gmail.com.

1 O texto de o Grande Sertão: Veredas, utilizado para citações no corpo do artigo, será o da 19ª edição, da editora Nova Fronteira, ano de 2001. E, sempre que citarmos excertos da obra, utilizaremos-nos da sigla GSV.

2 Metáfora Viva. Portugal: Rés, 1989. [...] Poética e Simbólica. In: Iniciação à prática Teológica. Tomo I. São Paulo: Loyola, 1992.

ABSTRACT

We intend in this article, first, understand the religious thought of the author and narrator of Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa and Riobaldo, proposing a new approach to name Diadorim / Deodorina, reopening discussions on the new focus of metaphysical and religious studies at Rosiana work. Secondly, we wish to identify the name Diadorim / Deodorina Maria da Fé Betancourt Marins as single character and figural of co-existence and the demo of God in the life of Riobaldo. And finally, realize that multiple "Des": God and Demo Diadorim Deodorina of Faith are the way of being-human as ambiguous, divine and diabolical human in Grande Sertão: Veredas. Within the literary production of João Guimarães Rosa, specifically in Grande Sertão: Veredas, investigate the figure of ambiguous character Diadorim as a metaphysical-religious postulate, a metaphor of the holy (divine) and the profane (evil) in their memories for Riobaldo death and (m) life. We rely on the concept of metaphor proposed by the French philosopher Paul Ricoeur. In addition to the authors extensive critical fortune of Guimarães Rosa, such as Augusto de Campos, Eduardo F. Coutinho, Francis Utéza, Kathrin Holzertmayr Rosenfield, Heloisa Vilhena de Araújo, Paulo Rónai, Walnice Nogueira Galvão.

Key words: Diadorim - Deodorina of Faith - Metafora - Paul Ricoeur

"...Diadorim é minha neblina". (GSV³, 2001, p. 40)

"Deus ou o demo? – Sofri um velho pensar". (GSV, 2001, p. 437)

"Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia". (GSV, 2001, p. 505)

1 A Teoria da Metáfora em Paul Ricouer

A metáfora não é viva apenas pelo fato de vivificar uma linguagem constituída. A metáfora é viva pelo fato de inscrever o impulso da imaginação num pensar mais ao nível do conceito. É essa luta pelo pensar mais, sob a condução do 'princípio vivificante' que constitui a 'alma' da interpretação (RICOUER, 1989, p. 459).

O livro *Metáfora Viva*, de Paul Ricouer, é um ensaio modelar comparativista. Segundo Miguel Baptista Pereira, professor Catedrático da Universidade de Coimbra,

3 Neste texto, utilizamos a sigla GSV para Grande Sertão: Veredas.



‘Metáfora Viva’ “é um apelo exemplar à investigação interdisciplinar e uma crítica a todo o amadorismo, que se improvisa sobre teoria literária, e a qualquer investigação isolada, que se encerre no pretensu torrão absoluto da sua insularidade” (RICOEUR, 1989, p. XLV). O livro é constituído de oito estudos, originados num seminário realizado por Ricoeur no outono de 1971, sob os auspícios do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Toronto. Na obra, a partir de Aristóteles, o autor delinea dois universos do discurso, a poesia (*poética*) e a eloquência (*retórica*). Neste foco, a metáfora tem um pé em cada um destes domínios, transferindo o sentido das palavras, exercendo a função retórica e a função poética. Outrossim, transita também entre os universos da semântica e da hermenêutica.

Para Ricoeur, a metáfora é um desvio que afeta a significação da palavra, é um tropo, isto é, classificada entre as figuras do discurso é o processo retórico pelo qual o discurso liberta o poder que certas ficções comportam ao redescrever a realidade. Metáfora *“é algo que acontece ao nome... é definida em termos de movimento... é a transposição de um nome”* (1989, p. 26,27). No artigo *‘Poética e Simbólica’*, Ricoeur defende que a metáfora é um momento de inovação semântica, um evento do discurso, torna-se núcleo simbólico da estrutura humana, *“é a estratégia combinada do discurso que permite abranger o princípio da invocação semântica e explicitar o seu dinamismo produtor”* (1992, p. 37). No jogo de intersignificações, a metáfora ou a referência metafórica permanece viva graças a rede de transferências semânticas entre ficção e realidade. Segundo Ricoeur, *“mediante a metáfora e o relato, a função simbólica da linguagem não cessa de produzir sentido e de revelar o ser”* (1992, p. 48). Logo, que há de metafórico em Diadorim? Metáfora física ou metáfora moral? Ricoeur cita Pierre Fontanier, trazendo à luz o conceito de metáfora moral⁴, ou seja,

aquela em que qualquer coisa de abstrato e de metafísico, qualquer coisa da ordem moral, se comparada com qualquer coisa do físico e que afeta os sentidos, quer o transporte aconteça do segundo ao primeiro, quer do primeiro ao segundo. (1989, p. 96)

4 Ricoeur (1989) utiliza-se de Pierre Fontanier, in: Les Figures des Discours. Flammarion, 1968.



No relacionamento entre objetos animados e inanimados a metáfora pode encarnar a identidade. Na poésis (ficção) rosiana, Diadorim é semântica para Riobaldo, exercendo em sua pessoa uma função ontológica e metafísica. Estes acontecimentos produzem intersecções, constroem e estabelecem o sentido romanesco. Diadorim/Deodorina é uma metáfora viva, um acontecimento, um sentido, uma experiência de pertença a partir do poder de distanciamento e da aproximação, a analogia do ser no pensamento especulativo das reminiscências de vida e(m) morte de Riobaldo.

É pertinente, neste ponto, lembrar a tese de Paul Ricoeur no que tange a relação entre experiência religiosa e linguagem. A experiência religiosa não se reduz, certamente, à linguagem. *“Nem tudo é linguagem na experiência religiosa, mas a experiência religiosa não existe sem linguagem”* (1992, p. 29). Deste modo, metaforizar é perceber o semelhante, que para alguns, é uma atribuição insólita ao próprio academicismo. Meta-fórico e Meta-físico. A encarnação do símbolo que está relacionado com o cosmo. No universo do sagrado, a capacidade de ser está relacionada com a capacidade de significar, de falar... vir-a-ser... dar sentido ao humano, demasiadamente humano, que deseja fazer o bem moral-físico, mas não consegue. O mal físico-moral que não se quer, esse o enlaça. Humana e imanente condição. *No nada, a Travessia é provável quando “a expressão viva é o que diz a existência viva”* (RICOUER, 1989, p. 73).

2 A religião em Guimarães Rosa: Uma fenomenologia da Religião entre autor e obra

Guimarães Rosa foi consciente da relação dialética ente ficção e vida. O primeiro dos seis filhos de Florduardo Pinto Rosa e de Francisca Guimarães Rosa (Chiquinha) nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 27 de junho de 1908 e morreu de enfarte em 19 de novembro de 1967, na cidade do Rio de Janeiro, três dias após assumir sua vaga de imortal na Academia Brasileira de Letras. Viveu como médico, militar, escritor, diplomata... Morreu? Sabe-se lá. Como ele mesmo disse no discurso



de posse na Academia Brasileira de Letras: “...a gente morre para provar que viveu, as pessoas não morrem ficam encantadas”.

Três dias após a morte de João Guimarães Rosa, O Correio da Manhã publica, em 22 de novembro de 1967, o poema de Carlos Drummond de Andrade ‘um chamado João’:

João era fabulista? Fabuloso? Sertão místico disparando no exílio da linguagem comum? [...] Embaixador do reino que há por trás dos reinos, dos poderes, das supostas fórmulas do abacadabra, sésamo? Reino cercado não de muros, chaves, códigos, mas o reino-reino? [...] Tinha parte com... (sei lá o nome) ou ele mesmo era a parte de gente servindo de ponte entre o sub e o sobre que se arcabuzeiam de antes do princípio, que se entrelaçam para melhor guerra, para maior festa? Ficamos sem saber o que era João e se João existiu deve pegar ⁵.

A experiência religiosa não se reduz à linguagem, no entanto, a linguagem é mediação indispensável ao estudo do fenômeno religioso. Ricouer (1992, p. 29) diz que “nem tudo é linguagem na experiência religiosa, mas a experiência religiosa não existe sem linguagem”. Nisto, está o foco de estudos da religião em João Guimarães Rosa. Fabulista, fabuloso, mestre na linguagem, o santo e o profano nos meandros da Palavra, ora mágica, ora sagrada.

Na correspondência com o tradutor Italiano, Guimarães Rosa fala de sua constituição ou essência religiosa, atribuindo nota 7 sobre 10 ao conjunto poesia-metafísica em sua obra:

...sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes talvez, como Riobaldo do “GS:V”, pertenço eu a todas. E especulativo demais. Daí todas as minhas constantes, preocupações religiosas, metafísicas, embeberem os meus livros. Talvez meio existencialista cristão (alguns me classificam assim), meio neo- platônico (outros me carimbam disto), e

5 Apud Prefácio. In: ROSA, João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.



sempre impregnado de hinduísmo (conforme terceiros). Os livros são como eu sou [...] Ora, você já notou, decerto, que como eu, os meus livros, em essência são “antiintelectuais”, defendem o altíssimo primado da instituição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bérqson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente. Por isto mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los: a- Cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b- enredo: 2 pontos; c- poesia: 3 pontos; d- valor metafísico-religioso: 4 pontos (BIZARRI, 2003, p. 90, 91).

Guimarães Rosa trafega pelas vias religiosas do oriente e do ocidente com a facilidade de quem bebe água de todos os rios, visto que às margens do mesmo já estive. As fronteiras e cruzamentos das grandes religiões mundiais lhe são conhecidas.

Por isso é que se carece de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, pra mim é pouca, talvez não me chegue. [...] Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca (GSV, 2001, p. 32).

Na fortuna crítica, organizada por Eduardo Coutinho, há um interessante diálogo, uma entrevista dada à Gunter Lorenz, onde Guimarães Rosa diz que gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco:

O crocodilo vem ao mundo como um *magister* da metafísica, pois para ele, cada rio é um oceano, um mar da sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem (1991, p. 72).

Para Guimarães Rosa, a religião é *“um assunto poético e a poesia se origina da modificação de realidades lingüísticas. Desta forma, pode acontecer que uma*



pessoa forme palavras e na realidade esteja criando religiões. Cristo é um bom exemplo disso. Também isso é brasilidade” (COUTINHO, 1991, p. 92).

Deus está no *ar*, presente está na vida e na obra de quem se lança no *mar* da vida, sem medo do demo, modo de vida. Deus não apenas existe, é necessário na *terra*.

Como não ter Deus? Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra... O inferno é um sem fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim com depois dele a gente tudo vendo (GSV, 2001, p. 76).

3 Grande Sertão: Veredas: Um arquivo de uma identidade religiosa

Através desta obra, '*primus inter pares*', iniciada na chamada terceira fase do movimento modernista, Guimarães Rosa revoluciona a linguagem romanceada, "reinventando-a" artisticamente. Em maio de 1956 publica, pela editora José Olympio, o romance '*Grande Sertão: Veredas*'. A trajetória do jagunço Riobaldo e a sua descoberta de que "*viver é muito perigo*". Obra prima e polifacetada. Título estranho, com dois pontos no meio? Páginas maciças de vocabulário diferenciado, sem a divisa em capítulos, sem pausa. A história demora a começar... É o longo monólogo das lutas pelo sertão de Minas, de Goiás e do sul da Bahia, é um rio corrente que focaliza a gente, o ambiente e os fenômenos metafísicos do sertão mineiro. O livro que parece impenetrável, mas também causa impacto, pois, a linguagem é o palco móvel para os embates metafísicos.

A ordem dos eventos narrados por Rosa e Riobaldo segue a ordem da memória. Segundo GARBUGLIO (1991: 423,444), há dois planos (bipolares) narrativos: A linha objetiva trata dos fatos em sentido diacrônico, a história. A subjetiva, vê os fatos e analisa em sentido sincrônico, as interrogações da história. A primeira é expositiva, a segunda é de natureza crítica. Assim começa: *Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram briga de homem não, Deus esteja... Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco... Cara de gente, cara de cão: determinaram - era o demo... O senhor tolere, isto é o sertão.* (GSV, 2001, p. 23)



As formas, o léxico, a metafísica e o desfecho da travessia de *'Grande Sertão: Veredas'* mostram as matrizes do povo brasileiro. Conforme Benedito Nunes (2002:205), o *"Grande Sertão: Veredas é um romance polimórfico"* onde o sertão é o mundo, a vida é perigosamente vivida. Segundo Antônio Candido há em GSV, como nos 'Sertões' de Euclides da Cunha, *"três elementos estruturais que apóiam a composição: a terra, o homem e a luta"*. (COUTINHO,1991, p. 295)

Particularmente em *'Grande Sertão:Veredas'*, é visível que o percurso de Riobaldo no sertão mineiro e universal desenha-se numa rede sagrada ou *"uma aragem do sagrado"* (GSV, 2001, p. 438). Uma caminhada pelas veredas metafísicas, a partir da *poiésis* romanesca, experimentada e constituída na nos fundamentos da metafísica pessoal do *'Cavalheiro da Rosa de Cordisburgo'*, a saber, Guimarães Rosa.

Deve-se deixar claro, como diz Francis Utéza (1994, p. 409), que *Grande Sertão: Veredas é uma obra de arte, não um tratado de teologia, nem um compêndio de metafísica*. Entretanto, nos dois primeiros parágrafos do romance, a palavra inventada, o sertão, o demônio são a matéria vertente entre ficção e realidade de cada homem humano.

O equilíbrio entre ficção romanesca, religião brasileira e a existência do homem humano contemporâneo é o que buscamos neste artigo.

3.1 Augusto de Campos e o lance de "Dês" em Grande Sertão: Veredas

Olhe: Deus come escondido, e o diabo sai por toda a parte lambendo o prato...
Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que esses gerais são formosos
(GSV, 2001, p. 72)

Em meio a floresta de sons e imagens, nas 624 páginas de GSV, Augusto de Campos investiga o fonema D no artigo intitulado *'Um lance de Dês do Grande Sertão'*. Para ele, *"em Guimarães Rosa nada, ou quase nada parece haver de gratuito. As*

mais ousadas invenções lingüísticas estão sempre em relação isomórfica com o conteúdo” (1991, p. 334).

Deus ou demo? Ser ou não ser? Parece-nos também ser a questão. Tanto Deus, quanto demo são postos na balança da equivalência, o isomorfismo no plano semântico da obra. Daí reverbera-se Diadorim, personagem enigma com sua natureza ambígua dividida entre Deus e o demo. Augusto de Campos ‘brinca’ criando um novo vocábulo no emaranhado de ‘dês’ para Diadorim, dizendo que ela é “*demidivina*” (1991, p. 338).

Campos analisa o prefixo e sufixo do nome Diadorim dentro do seguinte alinhamento:

a) Dia + adora

+ im

b) Diá + dor

Diadorim, donzela guerreira, tem no nome:

um caleidoscópio em miniatura de reverberações semânticas, suscitadas por associação formal... Assim, em dois planos de significado (deus ou o demo, sempre) se bifurca, desde o nome.... O que existe de ser e amor em Diadorim é representado pela vertente Dia+ adora. O que há de não ser, pela vertente Diá (diabo)+ dor.... Não temos dúvidas em ver no Diá de Diadorim uma referência ao Diabo (1991, p. 339).

Diadorim, protagonista secundário no romance, é amor proibido de sentimentos contraditórios, é guerra contínua. A luta do homem colocado entre o ser e o não ser, entre Deus e o demo, dois princípios antagônicos, materializados na mesma pessoa.

Em português, o sufixo neutro ‘*im*’ aplica-se tanto a homem quanto a mulheres, isto é, a desinência não revela o sexo, ambiguidade onde “tudo é e não é”. A diferença está no aspecto e conotação positiva da linha a, e no apontamento negativo na linha



b: diá, dor... que simboliza a sedução diabólica que Riobaldo sentia na personagem e o ódio vingativo que o alimentava.

3.2 A transição de “dês” em Heloisa Vilhena de Araujo

Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza (GSV 2001:45).

Para Riobaldo, Diadorim parece ser indicação e caminho para o seu lugar secreto. O itinerário para Deus. Segundo ARAUJO (1996, p. 33), Diadorim é dom de Deus: “*seu nome, na verdade indica este ser: Dia é, em grego, o nome de Zeus, de Deus; e doros significa presente, dom*”. Deodorina (Deo) sob a roupa de Diadorim (dia) representa Deus escondido sob a figura do Outro. Deodorina tem de passar pelo inferno (dia).

Diadorim e Deodorina são as margens do rio, não o S. Francisco, mas o da vida. Rio-baldo tem de atravessá-lo. O rio conjuga eternidade, é uma figura de eternidade. A narrativa de Guimarães Rosa “*transforma Dia em Deo*” (1996, p. 59).

Diadorim é, a um só tempo, vida e(m) morte. Concentra em sua pessoa características não só diabólicas, mas também divinas, balizando as reflexões sobre o mal e o bem, sobre o verdadeiro e o falso. Numa ultrapassagem da dialética do bem e do mal o narrador de Diadorim descobre a Maria Deodorina da Fé. Cheia de graça.

3.3 Diadorim: Lugar de (des)encontros com Deus e o demo

Diadorim e eu, nós dois. Agente dava passeios (GSV, 2001, p. 44).



A verdade de Diadorim está no campo da ficção, do fingir, do jogo do fazer-aparecer-aquilo-que-não-é. *A figura de Diadorim articula uma tríade como parte do relato da história: o plano ético, psicológico e político* (ROSENFELD, 1993, p. 199). Marcada pela aura do não saber e do não compreender, pela aura do enigma, Diadorim conserva encantos sempre desafiadores como uma neblina que permite interrogações e a partir dos descobrimentos àqueles que entram nela. Mesmo possuindo nomes, para ela, ainda faltam outros: “*Muita coisa importante falta o nome*” (GSV, 2001, p. 125). Diadorim introduz Riobaldo no caminho do conhecimento de si, da relação humana e da metafísica presente na existência humana em suas dores e amores. No roteiro de leitura do GSV, Rosenfield diz que:

A marca desta mediação que é função textual do personagem anuncia-se desde o nome Dia-dorim. O prefixo dia significa em grego ‘através de’ ‘mediante’, de forma que o nome do belo e meigo amigo pode vir a significar ‘através da dor’ ou travessia pela dor. [...] poderia ser lido como representação da relação de espelho que existe entre a figura de Diadorim e a disposição física e espiritual de Riobaldo. Diadorim apareceria então como encarnação ou como emblema dos fantasmas que constituem a personalidade de Riobaldo (1992, p. 29,90).

A morte do amado desfalece o corpo e a alma de Riobaldo. Dor. O fluxo contínuo do rio interrompe-se. Imprevistos nas veredas da vida. O narrador (re)descobre seus fantasmas mediante “*a certidão de nascimento*” de Deodorina da fé. Como o rio tem de correr, sobram as reminiscências. Assim, esforça-se, segue a vida de razão como marido de Otacília, como fazendeiro, como homem humano. Para Rio-baldo, o que existe é o que permanece: “*...Diadorim é minha neblina*”. (GSV, 2001, p. 40)

Os nomes falam, carregam pessoa de significações, em outros momentos em vez de dizer ocultam o não dito. Neste ponto, Afrânio Coutinho esclarece o plano antroponímico em *Grande Sertão: Veredas*:

Os nomes encerram muitas vez na sua estrutura, um sentido misto de desgosto, compaixão, desdém, simpatia, riso, toda uma gama de reações que o artista quis simbolizar, graças a uma técnica singular de deformações, combinações, antíteses grotescas. É a grande arte do tragicômico, e os nomes aqui são signos de toda uma visão de vida (1991, p. 292-293).

E Deus, Diadorim? – uma hora eu perguntei. Ele me olhou com silenciosinho todo natural, daí disse, em resposta: - Joca Ramiro deu cinco contos de réis para o padre vigário Espinoza (GSV: 186).

Segundo JOHNSON (1983), Riobaldo mata a sua ‘alma’ (Diadorim), para entregar-se ao pensamento lógico. O ‘*Grande sertão : Veredas*’ é a alegoria da vida de Riobaldo, é a história de seu conflito interior, a narrativa do processo de individualização marcado pela transição de Riobaldo Tatarana (*lagarta de fogo em metamorfose*) para o Riobaldo fazendeiro. Há profundidades no rio das almas, o que é insólita ou solicitamente desejado, como o disse Baudelaire: “*Plonger au fond du gouffre, Infer ou Ciel, qu’importe? Au fond de l’Inconnue pour trouver du nouveau*”⁶. Rio-baldo é rio que arde sem se ver. Passagem. Atravessar o rio em profundidades desconhecidas provoca ao homem humano sensações. Travessia. O aprofundamento do ser, experiência nova mediante a circunscrição do momento desafiador que encontra complemento não na solidão, mas nas companhias do menino-Reinaldo-Diadorim-Deodrina da Fé.

Em ‘*Grande Sertão: Veredas*’ há três Guimarães Rosa. O homem que nasceu em Codisburgo. O escritor que tenta o impossível pelas vias da palavra. O personagem que em Riobaldo deseja atingir a terceira margem do rio. Morte-vida-eternidade.

...Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia (GSV, 2001, p. 624).

Guimarães não é regionalista. O sertão é universal, é demasiadamente humano. O Grande Sertão, segundo NEITZEL (2004, p. 15), apresenta um “*imenso mar de territórios*”, ora amplos como Diadorim, ora restritos, como Hermógenes.

6 Le Voyage. In. Les Fleurs du mal. Garnier- Flamarion, 1981, 155. “Mergulhar no fundo do abismo, inferno ou céu, tanto faz? Das profundezas do Desconhecido para de novo reencontrar!”



Enfim, plurissignificam seres em busca de sentido no existir. Por isso, desejando ocupá-los progressivamente, chegamos à síntese baseada na (in)transparência de Diadorim/Deodorina da fé no Grande Sertão: Veredas.

Deus e diabo “*vigendo*” no homem humano. Co-existência (im)provável na ficção e na verossimilhança cotidiana. De dia a deo. Percurso conversionista no universo Rosiano? Travessia.

Considerações finais

Aqui a história acabou.

Aqui a estória acaba.

Aqui a estória acaba

(GSV, 616).

Acabou de começar. Em 27 de junho de 2008, comemorou-se o centenário do nascimento do “*mágico das palavras*”, alquimista e “*magister da metafísica*”: João Guimarães Rosa. Este artigo é, também, uma brevíssima lembrança sobre a preeminência do autor não apenas para a literatura, mas também à cultura brasileira. Neste texto, entendemos a literatura como um acervo, um arquivo da memória e “intérprete” do fenômeno religioso. Tentamos sair da estreiteza disciplinar, buscando estabelecer diálogos entre saberes, Literários e Teológicos, para que ao sair das margens entremos nas profundezas do rio. Investigamos a personagem Diadorim e seus (e)feitos na existência de Riobaldo como um aporte metafísico religioso em ‘*Grande Sertão Veredas*’. Inovação, travessia no nada. Metáfora do santo e do diabólico que co-existem no homem humano.

Guimarães Rosa, através de Riobaldo e Diadorim, visa encarnar a ambigüidade religiosa, moral e existencial não só do brasileiro, mas do homem humano moderno. Numa abordagem nacional, podemos enxergar uma possível matriz do imaginário



religioso brasileiro contemporâneo, a possibilidade de escolher entre Deus e demo, ou nem um nem outro.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Heloisa Vilhena. *O Roteiro de Deus*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- BIZZARRI, Edoardo. *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu tradutor italiano*. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. *Le Voyage*. In: *Les Fleurs du mal*. Garnier- Flamarion, 1981.
- BOLLE, Willi. *Grande sertão.br*. São Paulo: Duas Cidades /Editora 34, 2004.
- CAMPOS, Augusto de. *Um lance de “Dês” do Grande Sertão*. In: COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa. Coleção Fortuna Crítica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CANDIDO, Antônio. *O homem dos avessos*. In: COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa*. 2 ed. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- COUTINHO, Afrânio. *Dois anotações*. In: COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa*. 2 ed. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa*. 2 ed. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GARBUGLIO, José Carlos. *A estrutura bipolar da narrativa*. In: COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa*. 2 ed. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 422-445.
- JOHNSTON, Maria Amália. *Paixão de Diadorim segundo Riobaldo*. In: *Revista Colóquio/Letras. Ensaio, nº 76, Nov. 1983, p. 10-17*. Fundação Calouste Gulberkian.
- LIMA, Luiz Costa. *O Sertão e o mundo*. In: *Por que Literatura?* Petrópolis: Vozes, 1966.



LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Eduardo F. Guimarães Rosa. 2 ed. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 61-97.

MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. *Teologia e Literatura*. Cadernos de Pós-graduação. n. 9. São Paulo: Editora da Umesp, 1997.

_____. *Representações do bem e o mal em perspectiva teológico-literária: reflexões a partir de diálogo com Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa*. In: Estudos de Religião 24. São Bernardo do Campo: Umesp, 2003.

NEITZEL, Adair de Aguiar. *Mulheres Rosianas: Percursos pelo Grande Sertão Veredas*. Florianópolis: EDUFSC, 2004.

NUNES, Benedito. *Literatura e Filosofia: Grande Sertão: Veredas*. In: LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da Literatura em suas fontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, Vol 1.

PEREZ, Renard. *Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa*. 2 ed. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 37-46.

ROSA, João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, Kathrin Holzertmayr. *Roteiro de Leitura de Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Os Descaminhos do Demo*. Tradição e ruptura em Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Imago/Edusp, 1993.

RICOEUR, Paul. *Metáfora Viva*. Portugal: Rés, 1989.

_____. *O mal*. Um desafio à Filosofia e à Teologia. São Paulo: Papyrus, 1988.

_____. *Poética e Simbólica*. In: Iniciação à prática Teológica. Tomo I. São Paulo: Loyola, 1992.

RÓNAI, Paulo. *Três motivos em Grande Sertão: Veredas*. In: ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.



SPERBER, Suzi Franke. *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. São Paulo: Edusp, 1994.

